



Recebido em 27/02/2024

Aceito em 08/05/2024

DOI: 10.26512/emtempos.v23i43.52737

ARTIGO

Rivalidade e racismo científico nas formações das identidades nacionais latinoamericana: el clásico sudamericano

Rivalry and scientific racism in the formations of latinamerican national identities: the south american classic

Pâmela Camargo Soares

Mestranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6117-9035>

RESUMO: Muito além de uma prática esportiva, o futebol se transformou em um universo de construções de significados em uma esfera cultural. Nesta lógica, identidades são formadas, e os indivíduos são alcançados por formações de quem são. A rivalidade é um elemento fundamental nesta lógica, e revela questões muito mais profundas do que a simples estrutura do jogo, como percebemos através da rivalidade entre Brasil e Argentina, ultrapassando os limites das seleções nacionais, e alcançando os clubes de cada país. Neste artigo, me propus a refletir sobre o fenômeno da rivalidade entre esses dois países, e como isso se relaciona com suas formações identitárias, e o racismo científico presente no discurso de formação do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Rivalidade. Racismo.

ABSTRACT: Far beyond a sporting practice, football has become a universe of meaning constructions in a cultural sphere. According to this logic, identities are formed, and individuals are reached by formations of who they are. Rivalry is a fundamental element in this logic, and reveals much deeper issues than the simple structure of the game, as we see through the rivalry between Brazil and Argentina, going beyond the limits of the national teams, and reaching the clubs of each country. In this article, I set out to reflect on the phenomenon of rivalry between these two countries, and how this relates to the formation of their identities, besides the scientific racism present in the formative discourse of the 19th century.

KEYWORDS: Identity. Rivalry. Racism.

Introdução

O futebol é um fenômeno de grandes massas. O esporte que se tornou tão popular pelo mundo, movimenta grandes quantidades de pessoas que seguem seus clubes do coração ao longo do país – e até do mundo – para acompanhá-lo. Algo que desperte o interesse e a atenção de tantas pessoas, só pode ser algo de interesse das ciências humanas, afinal, é olhando para esses fenômenos que podemos perceber a ação humana, e através dela, investigar seus sentidos. Por isso, o futebol deixou de ser percebido como uma prática desconexa pela academia, e passou a ser visto como uma ferramenta para se compreender a história cultural.

Foi se apoiando nessa ideia que essa pesquisa nasceu. Observando os eventos e acontecimentos do futebol, bem como a lógica do jogo e de toda a esfera cultural que o esporte se tornou, podemos encontrar apontamentos importantes sobre os indivíduos. A história cultural percebe os fenômenos como um palco em uma peça de teatro, onde os atores contam uma história e interpretam através de símbolos e significados, questões práticas da experiência humana na terra. O futebol é um desses palcos.

Este artigo utiliza como fontes e exemplos, quatro reportagens de alguns dos principais jornais contemporâneos (G1 e CNN), a fim de percebermos casos recentes envolvendo a problemática do racismo de argentinos contra brasileiros no futebol. Além disso, foi utilizado também, uma matéria de 1920 de um jornal argentino, a fim de percebermos a presença histórica deste tipo de problema e como ele utiliza o futebol como palco de atuação. Me apoiarei bibliograficamente, nas considerações de Kathryn Woodward, Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, além de Simone Hashigutti, para tratarmos do fenômeno da identidade. Sobre a rivalidade entre Brasil e Argentina, os principais autores utilizados foram Simoni Lahud Guedes, Elizângela Fernandes Ferreira e Marizabel Kowalski, além de Gustavo Lins Ribeiro para uma maior análise das formações históricas destes países e de suas identidades. Sobre o racismo científico na América Latina, utilizei as considerações de Charles A. Hale, Rafael Leporace Ferret e Simone Rodrigues Pinto. Os autores foram utilizados em articulação com a pesquisa, de forma a unir com as considerações finais do artigo em geral.

Compreendo que esta é uma pesquisa inicial, que deve se expandir e levar em considerações futuras, a presença dos fenômenos aqui observados, em relação a mais países e até mesmo pensando em um recorte mais profundo da América Latina, mas todo aprofundamento parte de algum lugar, por isso, parti daqui.

Futebol e Identidade

Os seres humanos são formados por diversas construções identitárias, que definem as maneiras pelas quais iremos apreender o mundo e a realidade. As identidades se formam para além das razões conscientes, elas apontam para os sentidos e significados que damos para as mais diversas questões, e são formadas pelas marcações de diferenças, isto é, para que se saiba o que se ‘é’, é necessário definir o que ‘não se é’, criando uma distinção entre “locais” e “forasteiros”, “*insiders*” e “*outsiders*” (WOODWARD, 2014, p. 47).

Manuel Castells (1997) aponta para o caráter cultural da identidade, ele pensa em identidades múltiplas, que ultrapassam as noções mais básicas de “papéis sociais”. No livro organizado por Tomaz Tadeu da Silva, intitulado Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais, encontra-se o artigo de Kathryn Woodward e de Stuart Hall (2014) aqui mencionados. Neste, Hal compreende que as identidades possuem então um caráter relacional, onde o que se busca marcar como afirmação positiva do que se ‘é’, se encontra com a diferença pela marca do que ‘não se é’, e assim, ele define:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares

como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2014, p. 112).

Nesse sentido, a identidade é formada dentro de um espaço, um ambiente não de intervalo, mas de, como aponta Hall, sutura. Essa interpelação é fluida e fixa simultaneamente, em uma espécie de contradição sem a qual não há o reconhecimento, este, que proporciona e posiciona as ações humanas. O autor ainda afirma:

Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. A fusão total entre o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação (Freud sempre falou dela em termos de “consumir o outro”, como veremos em um momento). (HALL, 2014, p. 106).

Isso significa que as formações de identidades não são formadas pelo objetivo de eliminação do ‘outro’, isto é, o diferente, mas sim pela sua própria existência, em uma certa possibilidade de “consumo” deste outro, desta diferença. Kathryn Woodward (2014) aponta para a importância dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, através desses sentidos, o indivíduo se torna sujeito:

Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2014, p. 56).

Nesse sentido, o futebol se apresenta como um fenômeno cultural de grande força impactual nas formações identitárias. O esporte se tornou o mais popular do mundo, formando uma verdadeira esfera sócio-cultural, onde os sentidos e significados são dados através de diversos tipos de símbolos – como hinos, bandeiras, brasões, e demais elementos –, até em narrativas de memória e de história entre os clubes de futebol e as seleções, bem como através do fenômeno da rivalidade, um dos focos deste artigo. Simone Hashigutti (2008) comenta especialmente sobre o aspecto do torcer no esporte e sua importância nas formações identitárias:

Para pensar o “torcer por um time de futebol” como uma prática discursiva e o futebol como um tipo de discurso, cabe ter claros os sentidos de sujeito e de processos de produção de sentido-identificação em Análise de Discurso. O sujeito discursivo, por ser de linguagem, é incompleto, já que a característica da linguagem é também a de ser incompleta. Sujeito e sentido não são formas ou entidades que existem prontos, possibilitando a existência de sentidos literais e de identidades sociais estanques, pois “se configuram ao mesmo tempo” (Orlandi, 1998: 205), no espaço de relação entre a língua e a história. Para fazer sentido, o sujeito é interpelado, se inscrevendo em redes de significação, as formações discursivas, e entrando necessariamente num funcionamento de produção de sentido que é sempre de relação a. (HASHIGUTTI, 2008, p. 2)

Assim, a prática do torcer não é irracional ou puramente instintiva, mas é uma prática de posicionamento que proporciona a possibilidade de manifestação do indivíduo torcedor enquanto sujeito, como já mencionado. Hashigutti ainda diz:

A identificação, nesse sentido, é o que surge dessa inscrição nas redes de significação. É quando “o sentido faz sentido” (Orlandi, 1998: 206). Assim funciona a identificação do sujeito com a posição discursiva “torcedor”. Ocupar a posição sujeito-torcedor, ou não, de time de futebol, discursivamente, não é uma questão de escolha consciente. O sujeito se filia pelo próprio funcionamento do processo discursivo, por uma identificação com uma rede de sentidos que identifica um grupo (uma instituição) e o identifica. (HASHIGUTTI, 2008, p. 2)

Quando o “sentido faz sentido”, a comunicação significa posicionamento e presença identitária, o que o torcer no futebol proporciona. Além disso, é importante mencionarmos o papel fundamental da rivalidade entre os times, nessa lógica. O futebol proporciona o equilíbrio de tensões, sendo uma disputa narrada pela diferença – afinal, a rivalidade é a diferença acontecendo na lógica do esporte –, onde a oposição define a identificação, isto é, um clube ou seleção só pode ser enquanto o rival é a representação do seu ‘outro’. Igor José Renó Machado (2000) afirma que as formações identitárias dos clubes e seleções de futebol se dão de forma semelhante às formações dos clãs:

(...) Entre nós, o futebol é em si uma rivalidade, pois são os clãs que de fato entram em disputa ou combate. O combate não metaforiza apenas aspectos da chamada “realidade social”, ele se dá entre diferentes “clãs”, entre indivíduos aleatoriamente distribuídos entre os clãs possíveis. Assim, o futebol é mais do que uma metáfora; é, como atividade, uma forma de embate entre grupos sociais organizados de forma alternativa, marginal ou anti-rotineiro. (MACHADO, 2000)

O historiador Benedict Anderson (1991) em seu clássico livro *Comunidades Imaginadas* trata do fenômeno da construção do nacionalismo. Ele aponta que as comunidades são imaginadas antes de terem um território físico – e até possivelmente nunca chegando a ter esse território –, o que significa que se a ideia da coletividade de uma nação não acontecer de forma a ser apreendida pelo imaginário dos indivíduos, essa nação irá ruir ou entrar em guerras civis. A ideia de Anderson parece funcionar para o contexto das torcidas dos clubes de futebol, verdadeiras comunidades existentes de forma imaginada, proporcionando um sentimento de compatriotas entre os torcedores, que o autor chama de “camaradagem horizontal”. Sobre essas comunidades, ele explica que “ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 1991, p. 32).

Neste artigo trataremos especificamente da rivalidade entre as seleções de futebol de dois países, o que deixa a afirmação de Anderson ainda mais clara, ao apontar que a rivalidade se estende para além da diferença no campo, mas traduz uma formação de diferença – e rivalidade – entre duas nações. O futebol é então uma forma de que a oposição entre esses países se estenda, sendo historicamente marcada, identitariamente causada, e culturalmente expressada.

Rivalidade: el clásico sudamericano

Vimos que a rivalidade é um dos principais elementos componentes da lógica do futebol, sendo ela construída nas oposições, ela marca as diferenças. Baseadas em narrativas de memória, em alinhamento com a paixão que o futebol proporciona aos torcedores, a capacidade de pertencimento, e nesse sentido, de nacionalismo, é para além do amor à sua seleção, mas é traduzido também pela aversão ao rival.

O ‘El Clásico Sudamericano’ é o nome dado aos jogos disputados entre as seleções brasileira e argentina. O jogo se tornou um dos mais famosos e enérgicos clássicos do futebol, já que a rivalidade entre as seleções é histórica, e alcança razões para muito além dos acontecimentos em campo, mas traduzem uma série de fatores sobre a memória, história e identidade de ambos os países. A rivalidade vai desde comparações entre os ex-jogadores Pelé e Maradona, até um clima de guerra nos estádios, onde a violência toma rumos maiores do que puramente a violência simbólica, e acaba ultrapassando os limites do campo.

A rivalidade entre Brasil e Argentina, que se traduz em diversas formas de violência no futebol, de forma que ela não começou por causa do esporte, e nem se limita a ele, como apontamos, as raízes partem da história e memória identitária destes países, o que buscaremos analisar mais profundamente. A rivalidade histórica comunica as diferentes identidades nacionais, e se baseia em momentos e acontecimentos cruciais, de maneira que sua manutenção sociocultural possui um contexto sócio-histórico mais amplo, como veremos.

Em artigo, Elizângela Fernandes Ferreira e Marizabel Kowalski (2009), apontam que a chave para entender o tamanho desta rivalidade, está em percebê-la como um dos traços dos diferentes processos de construções de identidades de cada país, visto que as identidades nacionais são frutos de construções e narrativas específicas. As autoras ainda apontam:

Entretanto, este fator, cuja aplicação determinou o distanciamento entre os vizinhos da América Latina, pois no Brasil, o positivismo de Comte teve grande repercussão. Essa presença é evidenciada, sobretudo, na máxima da política positivista “ORDEM E PROGRESSO” estampado na Bandeira Nacional; possuindo importante papel na Proclamação da República. Por outro lado, na Argentina apresentava-se um positivismo natural e endógeno cujas preocupações eram voltadas para o corpo social, atento a política de povoamento e educação. (Lovisoló, 2000). (FERREIRA; KOWALSKI, 2009, p. 2).

Simoni Lahud Guedes (2002), utiliza como objeto de análise, uma famosa frase de Coelho Neto em 1919, quando era o então delegado brasileiro no Congresso Sul-americano de Futebol, para saudar as delegações dos demais países sul-americanos, onde a frase seria: “tudo nos une, nada nos separa”. Coelho Neto buscava encontrar no passado colonial e em suas histórias de exploração, uma forma de relacionar os países envolvidos.

O argumento aqui, em síntese, é que, ao contrário da epígrafe que utilizei, de certo modo “tudo que nos une, nos separa”. A retórica política, da qual extraí um exemplo do início do século XX nas palavras de Coelho Neto, pode afirmar sustentar-se em firme terreno histórico: são igualmente nações que emergem como tais, no século XIX, a partir do expansionismo europeu do século XV, exploradas e colonizadas à exaustão. Sem dúvida, este passado colonial tão

recente encontrará expressão no discurso que usa o futebol como significante, sendo relativamente explícito em alguns dos eixos básicos de construção de sentido. Mas é, justamente, a similaridade que precisa ser negada para que a especificidade de cada “nação” seja construída. (GUEDES, 2002, p. 2-3).

Fato é que as semelhanças entre esses povos e a essas nações (o passado colonial, a exploração, a presença indígena, a terra, etc) configuram semelhanças a elas, mas é na marcação de suas diferenças que elas se reconhecem em suas próprias histórias, nesse sentido, o que as une, também as separa, suas diferenças as tornam semelhantes, mas acima de tudo, únicas. Mais uma vez o futebol se apresenta como um fenômeno fundamental para entender tais identidades nacionais, de maneira que o mesmo se traduziria como “um veículo cuja exigência de significação é tamanha que só não admite a ausência de significado” (LÉVI-STRAUSS apud GUEDES, 2002, p.3).

O século XIX se mostrou fundamental para entendermos a diferenciação e o distanciamento entre essas nações, afinal, ambos os países passaram por processos de colonização, mas é a partir de suas independências que as diferenças vão ficando ainda mais evidentes. Em seu processo de independência, a desvinculação do Brasil com Portugal foi mais oficial do que prática, o que gerou algum tipo de possibilidade de estabilidade ao Brasil, em relação à Argentina, que vivenciou um processo profundamente ligado à suas próprias guerras internas de centralização do poder.

Como consequência os brasileiros se fortaleceram frente aos seus vizinhos, obtendo reconhecimento de sua força dentro da América Latina. Aproveitando dessa superioridade, estabilidade e da desestruturação da Região do Prata, o Brasil anexou-a ao seu território em 1821, como importante área de defesa das províncias do sul, a região que futuramente veio a formar a nação Uruguiaia na independência dos Pampas. O domínio Luso-brasileiro sobre a região foi contestado pelos argentinos que reivindicavam como parte do antigo Vice-Reinado do Prata. O apoio da Argentina à emancipação do Uruguai torna-se contribuição adicional à hostilidade e um possível estremecimento entre Brasil e Argentina, enquanto que o Uruguai se cercava de defesas, riqueza e liberdade. (FERREIRA; KOWASKI, 2009, p.3).

Ainda que mais tarde tenha havido um envolvimento entre os países na Guerra do Paraguai (1864-1870), suas histórias são marcadas por movimentos de aproximação e afastamento, onde as semelhanças precisam ser minimizadas e até negadas, para que a identidade da ideia de cada nação pudesse ser desenvolvida em suas especificidades (GUEDES, 2002). Em entrevista ao canal Peleja, a historiadora Livia Magalhães aponta que a república brasileira se dá em 1889, época onde o futebol começava a se difundir na América do Sul, de forma que os jogos de futebol se tornam verdadeiros campos de enfrentamento político da rivalidade. Guedes aponta:

É também nessa direção que Stuart Hall afirmará que “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (1999, p. 50). Do mesmo modo, argumentará que tal construção de sentidos situa-se, basicamente, na memória que se constrói sobre a nação. (GUEDES, 2002, p. 5).

Em artigo, Ronaldo Helal e Hugo Lovisoló (2009), se propõem a investigar essa rivalidade entre Brasil e Argentina, através de uma disputa entre Pelé e Maradona, que acontecia nos periódicos de ambos os países. Os dois jogadores se tornaram grandes símbolos de seus respectivos países, de forma que a comparação entre eles e o futebol

que jogavam, significava uma manutenção da rivalidade e estímulo da diferença entre eles. Os autores apontam:

En el Mundial 1982, no hubo comparación entre Maradona y Pelé en los diarios de los dos países. Fue al final del Mundial vencido por Argentina en 1986, en la edición de 24/06/1986 de El Gráfico, que vimos por primera vez una comparación. La nota de Juvenal bajo el título “Nace una polémica que no morirá jamás: Maradona fue más para Argentina que Pelé para Brasil” trabaja con la hipótesis de que Brasil hubiera conquistado el tricampeonato en 1970 sin Pelé mientras la Argentina no hubiera conquistado el Mundial de 1986 sin Maradona. La argumentación intuye que Maradona fue un héroe. Si Brasil hubiera sido campeón aún sin Pelé, este no hubiera sido el héroe. (HELAL; LOVISOLO, 2009, p.2)

Fica claro como as qualidades dos atletas em campo não são discutidas ou comparadas, Helal e Lovisolo explicitam que a comparação é feita em tom de provocação ao rivalizar o tanto que cada jogador teria colaborado para a conquista de seu país na copa do mundo. Não era então uma análise da capacidade esportiva, o futebol foi usado como espaço de manutenção da rivalidade entre os países, e os jogadores-ídolos utilizados como heróis e símbolos de representação identitária.

A construção da narrativa de memória que um país tem sobre si traduz o que este deseja lembrar mas também o que deseja esquecer sobre seu passado. Deste modo, o passado é elemento sempre presente, por narrar constantemente uma memória que caracteriza o que se deseja ser. O futebol é então, nesse sentido, uma forma de comunicação extrema com uma parcela grande da população, sobre esta dada memória e enfim, esta dada identidade nacional.

As diferenças nos processos de formação da Argentina e do Brasil

A construção dos Estados-nações e com este, do nacionalismo, é um processo de grande complexidade que vem se desenvolvendo desde o século XVII, e passando por processos de imaginação destas comunidades e de suas identidades. Em seu artigo *Tropicalismo e Europeísmo: Modos de representar o Brasil e a Argentina* (2001), Gustavo Lins Ribeiro se propõe a entender como as identidades étnicas de Brasil e Argentina se traçaram em tão grande oposição uma à outra, onde esta primeira estaria associada ao que ele chama de um “tropicalismo” enquanto a outra, estaria associada ao que ele chama de um “europeísmo”. Sobre as origens disso nas formações dos Estados-nações, ele aponta que:

Como se sabe, o Estado-nação é uma construção histórica que, se quisermos estabelecer uma cronologia, começa a se desenvolver a partir do Tratado de Westfália (1648), consolida-se fortemente no século XIX e termina por estabelecer a plenitude total do seu sistema praticamente há apenas três décadas, nos anos de 1970, com a última onda de descolonização. (RIBEIRO, 2002, p. 3-4).

Esse processo aconteceu com as nações latino-americanas de forma muito clara. Inicialmente, no século XIX, com uma disseminação de filosofia e ideais de liberdade, que foram fomentando a busca de independência nas antigas colônias europeias, e assim, por extensão, a necessidade do desenvolvimento de sentidos e identidades nacionalistas. É neste momento que essas nações procuraram se reconhecer

separadamente das antigas metrópoles, o que levou à necessidade do desenvolvimento de suas identidades, estando tais desenvolvimentos permeados pelos pensamentos e ideologias circulantes naquele novo mundo, um mundo não mais marcado pelo funcionamento do antigo regime europeu, mas sim pelos tais ventos de liberdade pós-revolução francesa.

Beatriz Thomaz Carvalho (2012) em sua dissertação, utiliza-se da ideia desenvolvida por José Botafogo Gonçalves e Mauricio Carvalho Lyrio (2003), de que Brasil e Argentina teriam herdado a rivalidade colonial entre Portugal e Espanha, que disputavam a região da Bacia do Prata, virando mais tarde um local de disputa entre as duas antigas colônias. Ribeiro (2001) compreende que o principal fator determinante para que essa oposição se iniciasse historicamente, foi a maneira diferente como cada um desses países se inseriu no contexto do capitalismo mundial, tanto em sua formação no século XVI, quanto em sua consolidação no século XX.

A vivência colonial do Brasil e da Argentina possui importantes diferenciações, já que no Brasil, foi implementado o sistema de plantation, além do sistema do ciclo do ouro nas minas gerais, se diferenciou da região onde viria a ser a Argentina, isso porque o interesse da coroa espanhola por lá não era tão grande quanto o da coroa portuguesa no primeiro caso. No século XIX, o Brasil viveu a expansão da economia cafeeira, além de uma grande migração de europeus para o sul do país, pelo processo de embranquecimento, enquanto a Argentina vivia um processo de unificação diferente, ligado ao centralismo da região de Buenos Aires, que gerou um período de diversas lutas armadas (RIBEIRO, 2001, p. 4).

Os diferentes modelos coloniais significaram diferentes formações étnicas. Isso porque o modelo brasileiro levou à presença dos colonos europeus, mas também de negros africanos e indígenas escravizados, enquanto na Argentina, a presença negra não se estabeleceu do mesmo modo, e a população indígena foi dizimada e expulsa com a Guerra do Deserto (1879-1880). A Argentina recebeu milhares de imigrantes europeus entre os séculos XIX e XX (RIBEIRO, 2001, p. 5).

Como resultado das inserções diferenciadas no sistema capitalista mundial em expansão e dos diferentes “projetos nacionais” que, no período pós-independência política, foram formulados por suas elites (projetos que, em maior ou menor grau, implicavam em adesão às teses do branqueamento da população como o caminho para a civilização), o Brasil transformou-se em um país marcadamente branco, mestiço e negro, enquanto a Argentina tornou-se um país eminentemente branco. Um associado aos trópicos; outro associado à Europa. (RIBEIRO, 2001, p.5)

O autor menciona a importância das capitais dos respectivos países nessa diferença imagética da identidade dos mesmos como opostas uma à outra. Brasília se tornou a capital posteriormente, através de um planejamento político profundamente elaborado, a cidade foi planejada e construída visando a unificação de um território continental e a centralização de poder, com construções ultra modernas, a cidade planejada foi construída por brasileiros vindos de diversas partes do país, o que auxiliou na criação do discurso de uma “capital do futuro” construída por seu povo, enquanto Buenos Aires é um espaço de centralização argentino desde sua história mais remota,

de forma que o país se tornou o que se tornou graças à centralização em Buenos Aires, sendo então cosmopolita, histórica e inspirada na Europa.

Aqui vale a pena determo-nos e comparar as duas capitais federais. Brasília, cidade modernista, interiorana, desenhada com a arquitetura vanguardista de Oscar Niemeyer e a promessa socialista de Lúcio Costa, deveria corresponder a um suposto novo projeto de Estado-nação. Cidade de fronteira voltada para a hinterlândia do Brasil, construída por milhares de migrantes nordestinos, mineiros, goianos e muitos outros. Sua beleza arquitetônica remete ao futuro, a uma afirmação sui generis, ousada, daquilo que os brasileiros, sempre eternamente deitados em berço esplêndido, esperavam do porvir. Buenos Aires histórica, portuária, cosmopolita, voltada para fora, dominadora há séculos da entrada do Rio da Prata e da relação da Argentina com o resto do mundo. Sua beleza arquitetônica, construída por um grande número de migrantes europeus, pelos seus filhos ou netos, remete à belle époque, ao esplendor do capitalismo agroexportador argentino no começo do século XX (RIBEIRO, 2001, p.7)

Ribeiro (2001) utiliza-se das conceituações de Edward Said sobre o “orientalismo” e o “ocidentalismo” para traçar sua ideia sobre os já mencionados “tropicalismo” e “europeísmo”. Para ele, esse “europeísmo” indicava o fato da Europa ser um referencial distintivo na formação da identidade argentina, enquanto o “tropicalismo” seria sobre a construção da identidade brasileira em associação ao edenismo, ou seja, a estereotipização dos colonizadores europeus ao relacionarem as características das regiões do Novo Mundo, com o paraíso bíblico, o jardim do éden; se estendendo e misturando com a suposta cordialidade brasileira, a erotização do feminino e a cultura brasileira de forma geral, e enfim se traduzindo neste fenômeno. Ele afirma:

Se o tropicalismo é uma matriz que define o modo de representar o pertencimento ao Estado-nação brasileiro, o europeísmo corresponde ao caso argentino. Brasileiros e argentinos encontram-se irremediavelmente presos nestes jogos de espelhos construídos por eles mesmos e por muitos outros atores e agências com os quais historicamente mantiveram contatos e trocas. O que me interessa no tropicalismo e no europeísmo é que ambos são, em larga medida, aceitos tanto pelas elites quanto pelas massas dos dois países, como modos de representar pertencimento aos dois Estados-nações. (RIBEIRO, 2001, p.8)

Para entender a formação das identidades nacionais de Brasil e Argentina, é necessário então, voltar também à Guerra do Rio da Prata (1851-1852), uma disputa que envolveu o Império do Brasil, a então Confederação Argentina, e o Uruguai, onde a Argentina buscava um domínio da região recriando o antigo Vice-reinado da Prata, que incluía as terras do Rio Grande do Sul, pertencentes ao Brasil. Ao final do conflito, ainda que o Brasil tenha conseguido manter seu domínio, as relações entre os três países passaram a ser repletas de grande complexidade, e com o tempo, se tornaram ainda mais intensas, com as formações de narrativas de identidades nacionais.

Fica claro então que esses fatores históricos são fundamentais para compreender os sentidos das identidades nacionais que foram sendo desenvolvidas por esses países, e revelam principalmente o papel das elites locais no desenvolvimento do pensamento identitário.

O racismo de Argentinos contra Brasileiros no futebol

Toda essa rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol, revela traços de suas diferentes identidades, mas por diversas vezes, se traduz de uma maneira terrível: o racismo no futebol. Falar sobre esse tema é um trabalho complexo, visto que o racismo aparece constantemente presente no meio futebolístico e de diferentes maneiras, no Brasil, não é nada incomum se deparar com casos de racismo entre os brasileiros.

Entretanto, a análise que pretendo fazer neste artigo parte da busca por entender os casos específicos de racismo partindo de Argentinos contra Brasileiros, onde as ofensas se misturam com o caráter xenofóbico da coisa, afinal, elas partem de uma noção de diferença pautada nos ideais identitários nacionais, porém, invadem o campo do racismo em si, principalmente pelo fato de que uma das principais ofensas utilizadas é a associação dos brasileiros com macacos. Neste terrível e complexo encontro, racismo e xenofobia se misturam, e revelam características importantes sobre o histórico de formação das identidades envolvidas.

As copas libertadores e sul-americana são dois torneios organizados pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), colocando clubes de países sul-americanos em disputa uns contra os outros. O Jornal da USP relata em matéria que do início de 2023 até junho do mesmo ano, houveram nove denúncias de discriminação racial, onde oito foram contra torcedores, jogadores e funcionários brasileiros, e apenas três destes episódios foram penalizados, além do fato de que os argentinos eram os agressores na maioria das vezes. Esse tipo de acontecimento é comum no futebol, onde a rivalidade em níveis nacionais é levada pela xenofobia por diversas vezes, mas em relação ao Brasil em específico, constantemente é também apoiada no racismo, mesmo por outros países sul-americanos. Considero que as razões para isto são ainda mais complexas e exigem uma pesquisa ainda mais aprofundada. Por isso, aqui nos limitaremos aos casos envolvendo brasileiros e argentinos apenas, que além de mais recorrentes, possuem uma rivalidade histórica muito profunda com o contexto.

Os casos de ofensas racistas de argentinos contra brasileiros são tão comuns no futebol que uma simples pesquisa no google sobre “racismo de argentinos contra brasileiros no futebol”, leva à diversas reportagens em diversos jornais diferentes, relatando episódios assim em campo. Escolhemos quatro destas reportagens, para citar em breve análise por aqui, onde foram escolhidas reportagens mais recentes e em jornais mais renomados, sendo estes, Globo Esportes, G1 e CNN.

Antes de mencionar as reportagens mais atuais, é importante citar o primeiro registro desse comportamento por parte dos argentinos, em um jornal. Em 3 de outubro de 1920, a seleção brasileira foi disputar um amistoso na Argentina e o jornal La Crítica publicou uma charge com o título “monos en Buenos Aires” e com o subtítulo “un saludo a los “ilustres huespedes” – com essas aspas –, e a representação dos brasileiros como macacos, já que a comparação vem da ideia racista de que pessoas negras seriam animais, menos evoluídas que as brancas, e por isso, mais próximas da interpretação equivocada sobre a teoria da evolução, de que os seres humanos teriam vindo dos macacos. Além disso, o texto da matéria era repleto de ofensas, e chega a dizer que a partida deveria acabar antes do anoitecer, para que os brasileiros pudessem ser vistos.



fonte: O Globo

Alguns jogadores tentaram um boicote não participando do jogo, mas a Confederação Brasileira de Desportos manteve o jogo, de forma que com o time desfalcado, os brasileiros perderam o jogo. Na matéria do Jornal da USP, Felipe Bueno cita que o Observatório da Discriminação Racial no Futebol aponta que o racismo tem se tornado mais recorrentes mesmo com a CONMEBOL prevendo multa para esses casos, de forma que entre o início de 2022 e agosto de 2023 foram registrados 30 casos, enquanto entre 2014 e 2019 foram registrados 39.

Seguindo com a abordagem dos jornais, a primeira das quatro reportagens aqui utilizadas como fonte, é também a mais antiga, sendo de 2019. Intitulada Argentinos lideram casos de racismo, no futebol, contra brasileiros no continente; São Paulo é estado com mais episódios, a matéria de 2019, do Globo esporte aponta que os casos de racismo contra brasileiros já cresciam na época, e cita o episódio onde o jogador argentino Silvio Romero foi acusado de ofensas racistas a um policial brasileiro, e os argentinos já eram a maioria dos sul-americanos a proferir ofensas racistas à brasileiros em competições organizadas pela CONMEBOL. A matéria cita ainda um episódio de abril de 2018, onde torcedores do Boca Juniors imitaram macacos em direção aos torcedores do Palmeiras, e ainda outro episódio, quando torcedores do clube argentino Racing atiraram bananas em direção aos torcedores do Vasco. A matéria cita então que os clubes brasileiros intensificaram suas ações anti-racistas, com propagandas e mensagens em suas camisas.

A matéria seguinte é de 2022, relata o caso de três torcedores do Boca Juniors que aparecem em filmagens em um jogo contra o Corinthians, imitando macacos e ainda fazendo saudações nazistas. Os torcedores foram liberados mediante fiança, e em depoimento para a polícia, um deles chegou a dizer que na Argentina esse tipo de comportamento não tem tanto peso, por isso alegou que o fez. A reportagem cita ainda que dois meses antes, outro torcedor do Boca Juniors também havia sido preso na Neo Química Arena, o estádio do Corinthians, e também foi liberado após pagamento de fiança.

Já a CNN faz dois importantes apontamentos em 2023. O primeiro na matéria intitulada Brasil x Argentina: termo racista entra nos “*trending topics*” argentinos após briga, aponta, como o título já explicita, que o termo “*monos*” entrou para os *trending topics* – ou seja “assuntos mais comentados” do twitter –, de forma que até o momento da matéria, havia mais de 30 mil publicações de contas argentinas. O episódio aconteceu após uma briga generalizada que aconteceu no início de um jogo entre Brasil e Argentina, que se iniciou nas torcidas, no momento em que os hinos nacionais eram cantados, e se espalhou pelo estádio.

A outra e última matéria da CNN, é intitulada Torcidas de Fluminense e Santos sofrem racismo de argentinos com poucas horas de diferença – também de 2023 – e relata o episódio onde a torcida do River Plate faz gestos de macacos e faz ofensas contra torcedores do Fluminense que estavam em Buenos Aires, e menciona ainda outro episódio, em que torcedores do Newell’s Old Boys da Argentina, entoaram cânticos e gestos racistas contra a torcida do Santos.

Essas reportagens foram escolhidas por relatarem casos mais recentes de prática racista partindo de argentinos contra brasileiros no futebol, e por em sua maioria, citarem mais de um caso em uma mesma matéria. Este é um problema que cresce cada vez mais no espaço do futebol, e não se traduz puramente pela rivalidade, mas possui raízes histórico-culturais e histórico-sociais de formação identitárias. Nesse sentido, no próximo tópico trato da presença do racismo científico na formação dos ideais de pensamento nacionalista na América do Sul como um importante fator nessa equação.

O racismo científico na identidade nacional latino-americana

Para entender a formação dessas identidades, é necessário também se pensar em um recorte maior do que Brasil e Argentina, mas sim na América Latina, não apenas enquanto recorte, mas também enquanto ideia. É fato que a participação do Brasil no desenvolvimento desta ideia foi irrisória, entretanto, isso não fez com que o país deixasse de ser reconhecido como latino-americano. Rafael Leporace Farret e Simone Rodrigues Pinto em um artigo denominado América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia (2011), apontam que no contexto das então recentes repúblicas americanas, haviam dois principais “inimigos”, sendo estes a Europa e os Estados Unidos da América.

Os Estados Unidos despontavam no século XIX como uma potência regional. A partir da criação da Doutrina Monroe em 1823, com seu lema “A América para os americanos”, suas ambições imperialistas em relação aos países do continente ficaram claras. Tratando-se apenas, inicialmente, de uma advertência às potências européias, no sentido de que não tentassem reativar o domínio colonial sobre o continente, essa doutrina passou a ser empregada, ainda no século XIX, como justificativa intervencionista para todo o continente americano. Seu lema poderia ser interpretado, portanto, como “A América para os norte-americanos”. (FARRET; PINTO, 2011, p.34)

É o momento das formações desses Estados-nações e de suas identidades nacionais, mas em meio a isso também, é o surgimento de uma “hispanoamericanidade”, como pontuado por Farret e Pinto (2011), em uma tentativa de posicionamento e resistência a esses movimentos de dominação. O Brasil era pouco atuante nesse sentido,

sua ligação com a coroa portuguesa e não com a coroa espanhola foi fundamental para esse sentido, de forma que o reconhecimento em uma união de “latino-americanos” fazia parte do imaginário das antigas colônias espanholas e excluía o Brasil.

As questões de cunho político e histórico não são o único fator elementar neste tópico, há ainda um outro sentido fundamental: o racismo. Ainda que os dois países sejam latino-americanos, há um grande histórico de racismo sendo cometido por parte dos argentinos contra brasileiros, algo que fica ainda mais evidente no futebol. São inúmeros os casos de racismo de argentinos atacando brasileiros em estádios de futebol, seja nos jogos entre as seleções, ou quando times dos dois países se enfrentam em competições, onde os brasileiros são frequentemente chamados de ‘monos’, como tratamos no tópico anterior.

Esse racismo tem uma origem ideológica clara, também no século XIX. No capítulo 1 do volume 8 do livro *Historia de America Latina*, Charles Hale trata do que ele entende por herança liberal nas ideias políticas e sociais na América Latina, e aponta que a ascensão do positivismo na América Latina é um ponto fundamental para se entender os rumos políticos, já que ainda que o positivismo não fosse exatamente uma teoria política, o conceito de política científica passa a ser uma realidade, sendo uma ideia de que os métodos científicos podiam ser aplicados à política, baseando-se na noção de que as teorias abstratas haviam levado à desordem e revoltas, por isso, deveria se buscar um rigor metodológico político (HALE, 1991, p. 2).

Nesse sentido, apresenta-se o racismo científico alinhado a esses ideais. No século XIX, o racismo científico consistia em uma teoria de que a humanidade era classificada em diversas raças, e que existiam raças mais desenvolvidas e outras menos desenvolvidas (ARTEAGA, 2007, p. 384-385). A “raça europeia” seria então vista como uma raça desenvolvida, que havia alcançado a civilidade, enquanto povos como os africanos e sul-americanos, seriam inferiores. A mestiçagem também era vista como um problema, e apenas a mistura entre raças em patamares semelhantes de desenvolvimentos poderia ser mais bem aceita. Esse “cruzamento” entre raças com pouca diferença em sua superioridade, de acordo com essas teorias racistas, era algo que existia na Europa e América do Norte, mas não na América Latina, e assim, passa a se falar em um atraso latino-americano (HALE, 1991, p. 14-15).

A partir disso, criou-se um “pessimismo racial” (HALE, 1991, p.29), que por exemplo no Brasil, levou por exemplo, à política de embranquecimento social através de imigrantes europeus. Entretanto, no caso da Argentina, o extermínio dos povos originários levou a preocupações diferentes enquanto a isso, e o pensamento se focou na avalanche de imigrantes na Argentina, em relação à população local. Os positivistas latino-americanos então reconheciam as especificidades de suas sociedades, mas pela teoria evolucionista e o racismo, eram levados a reconhecer suas sociedades como inferiores em uma escala civilizatória. Juan Manuel Sánchez Arteaga diz que:

El consenso científico acerca de la superioridad natural del hombre caucásico fue tan amplio que ni siquiera los científicos más contrarios a la trata de esclavos, o a la hipótesis poligenista –defensora de que las razas humanas eran especies diversas–, ni siquiera hombres como T. H. Huxley, Armand de Quatrefages, o el propio Darwin, pudieron sustraerse al paradigma racista de su tiempo. (ARTEAGA, 2007, p. 384)

O racismo científico se tornou parte da narrativa de identidade de ambos os países, mas de maneiras diferentes, onde a história individual de cada local foi essencial para ditar como essas diferenças se dariam. O canal Peleja, que produz documentários sobre futebol e seus assuntos para além dos campos, produziu um vídeo comentando sobre as razões pelas quais a Argentina não possui jogadores negros em sua seleção¹. O vídeo relembra que no período colonial, a maior parte da mão de obra era de indígenas escravizados, mas que uma parcela significativa de negros africanos também foi utilizada. Nesse sentido, a partir do século XIX, a Argentina precisava construir sua identidade nacional, e as ideologias políticas vindas da Europa, e baseadas no positivismo e no racismo científico, se tornaram elemento fundamental nesta criação.

A identidade nacional Argentina deveria então ser o mais embranquecida possível – ideia que também chegou ao Brasil, como citado anteriormente, no projeto de embranquecimento da população brasileira –, sendo a raça branca, aquela vista como a mais evoluída e civilizada. Desta maneira, a narrativa de memória identitária que vai se construindo na Argentina, é pautada na escolha de apagar a presença indígena e negra no país, associando-o à Europa e à raça branca. Assim, para além do genocídio de povos nativos, a mudança também foi discursiva e com uma preocupação identitária.

Conclusão

O futebol tornou-se então um palco de manifestações claras de todos os conjuntos dessas relações históricas e conjuntos de narrativas identitárias, proporcionando um ambiente de expressão de identidades, os discursos se tornam ainda mais evidentes. Como Guedes aponta, esse é um assunto que trata de nacionalismos e identidades:

Na proliferação de discursos, a partir do jogo, várias dimensões identitárias são disputadas, negociadas e construídas, como muitos autores vêm demonstrando. Uma delas seria a da nação. A observação, já clássica, de Hobsbawn (1990, p. 169 segts) sobre o tema amplia ainda mais a perspectiva, situando os esportes como uma espécie de “reduto” do nacionalismo moderno, particularmente através da possibilidade de reificação da nação em um competidor ou time, encurtando os caminhos para o processo de identificação. (GUEDES, 2002, p. 4).

A rivalidade encontra a xenofobia e as feridas históricas compostas pelos resultados dos impactos das ideologias do século XIX e em como elas se transformaram em ideias políticas que passaram a compor narrativas de identidade que perduram até os dias atuais. As culturas nacionais são formadas e transformadas por discursos, é desta forma que a história cultural entende que para além dos fatos, é preciso perceber a história através do que se é narrado, e das memórias que são formadas, sendo estas compostas pelo que se escolhe lembrar, mas também pelo que se escolhe esquecer.

Isso não significa dizer que o racismo não existe no Brasil, ainda que este seja um país miscigenado, revela apenas que a construção dos fatos e narrativas históricas que compõem as identidades nacionais brasileira e argentina, se diferenciam, de forma que se repelem e se encontram simultaneamente. É importante também apontar

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qr2pHH4NsmM>. Acesso em: 24 de nov. de 2023

que o racismo brasileiro foi pouco mencionado devido aos objetivos e limites desta pesquisa, e constam como um dos objetivos a serem investigados para uma futura e mais elaborada pesquisa sobre o tema.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Lenin and Philosophy, and other Essays*. Londres: Left Books, 1971.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. ISBN 978-85-359-1188-6.

BACKES, Beatriz; MAZZA, Malu; TOMAZ, Kleber. Dois dos três torcedores argentinos detidos por injúria racial e racismo durante jogo do Corinthians em SP são soltos após pagar fiança. *G1*. São Paulo, 29 jun 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/29/dois-dos-tres-torcedores-argentinos-detidos-por-injuria-racial-e-racismo-durante-jogo-do-corinthians-em-sp-sao-soltos-apos-pagar-fianca.ghtml>. Acesso em: 06 fev 2024.

BUENO, Felipe. Futebol e racismo andam lado a lado na América do Sul. *Jornal da USP*. São Paulo, 06 dez. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/futebol-e-racismo-andam-lado-a-lado-na-america-do-sul/> Acesso em: 06 fev. 2024.

CÁ, Glória Augusto. *Teorias de embranquecimento no Brasil: últimas décadas de século XIX e Início do século XX (1870-1930)*. 2018. Monografia (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

CARVALHO, Beatriz Thomaz. *Tudo nos une, nada nos separa, exceto o futebol: um olhar sobre as relações exteriores entre Brasil e Argentina (1978-2002)*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Tradução de: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Elton de. Argentinos lideram casos de racismo, no futebol, contra brasileiros no continente; São Paulo é estado com mais episódios. *Globo Esporte*. Recife, 16 set. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/argentinos-lideram-casos-de-racismo-contra-brasileiros-no-continente-sao-paulo-e-estado-com-mais-episodios.ghtml>. Acesso em: 06 fev 2024.

FERREIRA, Elizângela Fernandes; KOWALSKI, Marizabel. Brasil e Argentina: rivalidade ou identidade? Envolvimentos e distanciamentos dos vizinhos distantes no campo de futebol. *Civilização e Contemporaneidade. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador*, 10, 11, 12 e 13 de novembro de 2009.

FERRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 30-42.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. *XXVI Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, 22 a 26 de outubro de 2002.

HALE, Charles A. Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. *Historia de América Latina*, v. 8. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2014.

HASHIGUTTI, Simone. *Futebol no Brasil: sentidos e formas de torcer*. RUA [online]. 2008, no. 14. Volume 1 - ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-991.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. Pelé y Maradona. Periodismo y contradicciones entre los heroes y las sociedades. *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Anais- Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

ITATLATA. Torcidas de Fluminense e Santos sofrem racismo de argentinos com poucas horas de diferença. *CNN*. 07 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/torcidas-de-fluminense-e-santos-sofrem-racismo-de-argentinos-com-poucas-horas-de-diferenca-veja/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

KRAUSE, Guilherme Kurtz. *O futebol como um meio construtor de identidades*. 2010. 48 p. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27741>.

MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, clãs e nação. Dados. Rio de Janeiro (online). v. 43, n. 1. ago., 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582000000100006>. Acesso em: 4 mar. 2022.

Racismo argentino: O jornal de Buenos Aires que chamou jogadores brasileiros de macacos. *O GLOBO*. Rio de Janeiro, 24 de Abril de 2022, Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/04/racismo-argentino-o-jornal-de-buenos-aires-que-chamou-jogadores-brasileiros-de-macacos.ghtml>> Acesso em: 06 fev. 2024.

OLIVEIRA, Luccas. Brasil x Argentina: termo racista entra nos “trending topics” argentinos após briga. *CNN*. 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/brasil-x-argentina-termo-racista-entra-nos-trending-topics-argentinos-apos-briga/>. Acesso em: 06 fev. 2024

PAULA, Luisa Almeida de. *A construção da mineiridade pelo clube Atlético Mineiro: como o clube expressa uma dada identidade mineira em seus torcedores*. 2021. 75 p. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

PELEJA. *É exatamente por isso que o Brasil e a Argentina se odeiam no futebol*. Youtube, 24 de Dezembro de 2020, 7m23s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E6CL71UoC3A>>. Acesso em: 23 de nov. 2023

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Tropicalismo e europeísmo: modos de representar o brasil e a argentina*. Série Antropologia. Brasília, 2001.

SAID, Edward. From Orientalism. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Orgs.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994, p. 132-149.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.